

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IR AO CINEMA EM 1974  
3 e 26 de abril de 2024

# LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ / 1974

*(O Fantasma da Liberdade)*

um filme de Luis Buñuel

**Realização:** Luis Buñuel / **Argumento:** Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière, baseado numa ideia original de Luis Buñuel / **Fotografia:** Edmond Richard / **Décors:** Pierre Guffroy / **Guarda-Roupa:** Jacqueline Guyot / **Montagem:** Hélène Plemiannikov / **Arranjo Sonoro:** Luis Buñuel / **Interpretação:** Jean-Claude Brialy (Foucauld), Monica Vitti (Mme Foucauld), Milena Vukotic (a enfermeira), Julien Bertheau (o Prefeito da Polícia), Michel Piccoli (o outro Prefeito da Polícia), Pierre-François Pistorio (François), Hélène Perdrière (a velha tia de François), Adriana Asti (a irmã do Prefeito da Polícia e a Mulher de Negro do bar), Jean Rochefort (Legendre, o pai da criança raptada), Adolfo Celi (o médico de Legendre), Paul Frankeur (o estalajadeiro), Michel Lonsdale (o chapeleiro), Pierre Maguelon (o polícia Gérard), François Maistre (o professor da Escola da Polícia), Claude Pieplu (o Comissário da Polícia), Bernard Verley (o Capitão do Regimento de Dragões), Pascale Audret (Mme Legendre), Agnès Capri (a Directora da Escola), Pierre Lary (o assassino absolvido), Muni (a criada dos Foucauld), V. Blanco (Aliette Legendre), Maryvonne Ricaud (Sophie), etc.

**Produção:** Serge Silberman para Greenwich Film (Paris) / **Cópia:** dcp, cor, com legendas em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, a 11 de Setembro de 1974 / **Estreia em Portugal:** Cinema Londres, a 22 de Novembro de 1974.

Na sessão de dia 26 **Le Fantôme de la Liberté** é apresentado juntamente com **As Desventuras do Drácula Von Barreto nas Terras da Reforma Agrária** ("folha" distribuída em separado).

---

Começo com uma confissão e prometo que é a única: **O Fantasma da Liberdade** é, no meu muito subjectivo ponto de vista, o filme mais desinteressante de Buñuel e não me esqueço de obras tão falhadas ou menores como **Gran Casino** ou **Una Mujer sin Amor**. Parece-me uma repetição, sem nenhuma das qualidades e com todos os defeitos, de **O Charme Discreto da Burguesia**. Parafraseando um célebre lugar comum, tudo que é novo neste filme me parece não ser bom; tudo o que é bom neste filme me parece não ser novo. Sei que terei irritado muitos dos admiradores incondicionais desta obra, outro lendário êxito comercial da carreira de Buñuel. Para não irritar mais ninguém, dou a palavra a Buñuel na tão citada entrevista, ainda inédita, com Tomás Perez Turrent e José de La Colina. Pelo menos, podemos saborear um prato em que ainda ninguém tocou e ter mais objectividade. As iniciais correspondem aos nomes de entrevistadores e entrevistado.

J. de La C. - Donde vem o título, **O Fantasma da Liberdade**?

B. - De uma colaboração de Marx comigo. A primeira linha do Manifesto Comunista diz: "*Um fantasma percorre a Europa...*" etc. Pela minha parte, vejo a liberdade como um fantasma que tentamos agarrar mas... só abraçamos uma figura de névoa que nos deixa alguma humidade nas mãos.

T.P.T. - Há outra referência. No "duelo teológico" de **A Via Láctea** o jansenista grita para o jesuíta: *"A vontade antecedente não passa de uma simples veleidade. Em todas as circunstâncias, sinto que os meus pensamentos e a minha vontade estão fora do meu domínio. E que a minha liberdade não passa dum fantasma"*.

B. - É curioso, não me lembrava. É a mesma ideia, mas num contexto teológico. A teologia não é a minha especialidade, passemos adiante. Também em Marx o fantasma que percorria a Europa era o do comunismo e tornou-se palpável com a revolução bolchevista. No meu filme, o título surgiu irracionalmente, como o de **Un Chien Andalou**. Não obstante, não julgo que outro se pudesse adequar melhor, em cada caso, ao espírito do filme.

J. de La C. – O senhor encara a liberdade com cepticismo?

B. - Sim. Inclusive, em certos momentos históricos, até o povo excluiu completamente a ideia de liberdade. O grito que se ouve no princípio do filme, *"vivam as algemas!"* ou seja *"vivam as cadeias!"* foi realmente um grito do povo espanhol durante a invasão napoleónica. Preferiam as cadeias monárquicas aos direitos humanos e a certas liberdades que a Revolução Francesa lhes oferecia.

T.P.T. - O filme tem uma construção baseada no acaso.

B. - (...) Creio que o acaso, a casualidade, governam as nossas vidas. Estou aqui a falar com vocês porque um espermatozóide paterno penetrou no óvulo materno em que viria a formar-se. Porque é que esse espermatozóide entrou e não outro dos milhares que rabiavam à volta? (E peço desculpa pelo "rabiavam"). No entanto, **O Fantasma da Liberdade** é uma imitação dos mecanismos do acaso. Foi escrito num estado consciente. Não é um sonho, nem uma corrente delirante de imagens.

J. de La C. - Uma das coisas de que gosto é que nenhum dos personagens surge como necessário. Ou seja, podiam ser aqueles ou outros quaisquer. Tanto podia acontecer-lhes o que vemos no filme como outras coisas quaisquer.

B. - São, simultaneamente, gratuitos e necessários.

J. de La C. - Algures, Breton, citando não sei quem, diz que o acaso é o outro nome da necessidade, o cruzamento de vários linhas da necessidade.

B. - Julgo que sim, mas julgo que também pode haver acasos puros, em que a necessidade não intervenha nada (ri-se). Que filosóficos estamos.

T.P.T. - Na construção do filme, cada personagem está como que encadeado entre o episódio que viveu e o que outros personagens vão viver (...)

B. - É uma mesma narração, através de personagens diferentes que se vão sucedendo. Algo disto já havia em **L'Âge d'Or**, onde comecei com os maiorquinos, prossegui com bandidos, depois com a fundação da cidade, a seguir com os amantes e a festa no salão e acabei com os personagens de "As 120 Jornadas de Sodoma". A diferença é que, em **O Fantasma**, os personagens estão mais ligados, chocam menos entre si: "Fluem" naturalmente.

T.P.T. - Desculpe, mas não me parece que o franco-atirador gratuito, o assassino-poeta, como o senhor lhe chama, esteja encadeada com os outros personagens.

B. - Está, está. Tivemos o episódio em que o Comissário mandou o polícia limpar as botas. O polícia vai ao engraxador e encontra outro homem a conversar com o engraxador. Deixo o polícia e sigo o novo personagem que é o franco-atirador. Se você quiser, a ligação é excessivamente subtil, mas lá que existe, existe.

J. de La C. - O ponto fulcral é a pousada ou estalagem, onde se entrecruzam várias histórias, algumas muito curtas: os frades, a sádica e o masoquista, o rapazinho e a tia...

B. - Há sequências que são um bocado independentes do percurso do filme. Uma delas é a do rapazinho e da tia. Outra, mais à frente, é a da miúda perdida e, apesar disso, bem visível. Já tinha pensado nesse episódio para uma obra que não cheguei a filmar: **Quatro Mistérios**. O episódio do rapazinho e da tia está muito concentrado. Havia ali matéria para um melodrama de hora e meia, não? O facto de que, na estalagem, várias histórias se cruzem, talvez seja uma recordação do albergue do **Don Quixote**, onde chegam os protagonistas e outros personagens e cada um conta a sua história. É lá que Don Quixote rebenta com os odores de vinho.

T.P.T. - As passagens duma aventura a outra, no filme, parecem-me portas a abrirem-se umas atrás das outras.

B. - Bem visto. Parece-me que há um quadro surrealista com portas sucessivas e abertas. Não pensei nisso quando escrevi **A Via Láctea**. Penso agora que você empregou a metáfora. Cada episódio abre para outro episódio, cada personagem para outro personagem e assim poderíamos continuar *ad infinitum*. O filme, se nos ativéssemos ao seu espírito, não devia acabar nunca.

J. de La C. - Ou acabar em círculos.

B. - Não, acabar em círculos, não. Não é a liberdade, é a morte. Cumpi o ciclo vital: fim.

A entrevista não acaba aqui. Mas como o papel se está a acabar interrompo eu para dizer que dou razão a Buñuel. Este filme só teria sentido se nunca mais acabasse, se cumprisse o ciclo vital. Como isso é evidentemente impossível, ficámo-nos numa série de episódios que não abrem para a liberdade nem se fecham com a morte. Antes com os planos do jardim zoológico que, pessoalmente (estou a contradizer a promessa do início, eu sei) me parecem de gosto bastante duvidoso, sobretudo a simbologia da avestruz. E termino chamando a atenção para o que julgo ser o plano mais inusitado deste filme. Refiro-me ao único nu integral da obra de Buñuel, surpreendentemente o corpo de uma velha. Mas será mesmo de uma velha? Ou haverá, também aí, alguma batota? Pessoalmente, tenho as minhas dúvidas, como em relação à coerência de todo o resto. Mas como sempre, em Buñuel, vamo-nos divertir bastante. Só é pena que, ao que julgo, não se passe disso.

JOÃO BÉNARD DA COSTA